



ESPECIAL

EFICIÊNCIA ENERGÉTICA

O INVESTIMENTO EMPRESARIAL NO FUTURO SUSTENTÁVEL

As empresas estão a tornar-se mais sustentáveis e a serem energeticamente mais eficientes. Sustentabilidade tornou-se a palavra de ordem e os projetos sucedem-se. Do sector da energia à banca, passando pelo retalho e pela hotelaria, os privados estão a dar o exemplo do caminho que deve ser seguido para cumprir os objetivos definidos em Portugal e na Europa.

EMPRESAS

Como as empresas estão a passar das palavras aos atos ● II

HOTELARIA

Sector hoteleiro em Portugal é sinónimo de mais eficiência ● IV

ENTREVISTA

Nelson Lage
Presidente da Adene - Agência para a Energia

“Eficiência energética não é o parente pobre do sector da energia” ● VI



FÓRUM

Quais são as metas em termos de eficiência energética para os próximos anos? ● VIII

EDITORIAL

Menos burocracia, sff



ANDRÉ CABRITA-MENDES
Editor

O Plano de Recuperação e Resiliência (PRR) está aí à porta, com 620 milhões de euros para a eficiência energética. Mas os apoios financeiros devem ser agilizados para chegarem rapidamente aos portugueses que querem simplesmente melhorar o conforto da sua casa e a sua vida em família. É preciso assim desburocratizar procedimentos e concursos. É importante, claro, que estes procedimentos sejam exigentes, mas é preciso haver uma estrutura de apoio montada para dar uma resposta rápida e justa aos, previsivelmente, milhares de pedidos que vão começar a cair assim que os concursos abrirem. Os portugueses não podem ficar ad eternum à espera que os apoios cheguem para melhorar as janelas ou o aquecimento das suas casas. Não basta anunciar a abertura dos concursos; a máquina do Estado tem de estar oleada para a grande ofensiva da eficiência energética que deve ter lugar tanto no Estado, as escolas ou hospitais são lugares críticos, como também no sector privado. Os portugueses estão cada vez mais conscientes da importância de ter uma casa bem preparada tanto para o frio como para o calor. Deixemo-nos de ideias pré-concebidas de que Portugal tem um clima mediterrânico durante o ano inteiro em todas as regiões. A Estratégia de Longo Prazo para a Renovação dos Edifícios (ELPRE) fez o retrato da realidade: Em Portugal, existe um “baixo conforto térmico nas habitações”. O problema é mais crítico nas casas construídas antes de 2016. Isto deve-se a uma conjugação entre “baixa utilização de energia para climatização face às necessidades energéticas” e um “parque edificado envelhecido e com um fraco desempenho energético”. A Estratégia de Combate à Pobreza Energética entrou esta semana em consulta pública e pretende dar resposta a alguns destes problemas junto das famílias mais carenciadas. Mas a população idosa não deve ser esquecida e também aqui os apoios devem ser céleres, com a devida exigência para não prejudicar o processo. O dinheiro europeu está aí: o Governo tem de o saber usar de forma competente. ●

EMPRESAS

Como as empresas estão a passar das palavras aos atos

Empresas de vários sectores já estão a colocar em marcha várias medidas de eficiência energética. A sustentabilidade e a poupança de custos são as duas principais motivações para esta aposta.

ANDRÉ CABRITA MENDES,
INÉS PINTO MIGUEL
E JÉSSICA SOUSA
amendes@jornaleconomico.pt

São várias as empresas portuguesas e internacionais, a operar em Portugal, que estão a dar o exemplo no campo da eficiência energética.

A sustentabilidade aliada à redução de custos, especialmente importante em tempo de pandemia, são as duas principais forças na origem desta ofensiva empresarial.

No caso da EDP, a eficiência energética começa em casa e a empresa já está em campo desde 2007 através do programa PPEC - Plano de Promoção da Eficiência no Consumo de Energia Elétrica, coordenado pela ERSE, “tendo posto em prática mais de 70 medidas de eficiência energética (iluminação e eletrodomésticos eficientes, motores de alto rendimento, variadores eletrónicos de velocidade, etc.), que geraram poupanças acumuladas de cerca de cinco TWh”, segundo o diretor de Sustentabilidade da EDP, António Castro.

Em termos de clientes, a EDP dá o exemplo da parceria fechada em Espanha com a cadeia Burger King, cujo investimento em energia solar “permite cozinhar 39 milhões de hambúrgueres por ano”.

Na hora de fazer um balanço, o grupo EDP avança que no final de 2020 tinha 3,6 TWh de energia poupada com as medidas de eficiência energética nos clientes, 145 MW de potência solar instalada descentralizada; 11% da frota eletrificada e 1.900 pontos de carregamento de veículos elétricos”, de acordo com António Castro.

O próprio plano estratégico da empresa até 2025 aloca cerca de 200 milhões de euros de investimento por ano “na distribuição do solar, armazenamento de energia, eficiência energética, *e-mobility* e hidrogénio renovável”.

Também as empresas do sector financeiro estão atentas à eficiência energética. No Millenium BCP estão a ser implementados projetos como o “alargamento dos sistemas de monitorização de consumos energéticos a mais sucursais e edifícios centrais; a ins-

tação de iluminação led nos edifícios da Rua Augusta, Gonçalo Sampaio e Palácio Atlântico; a instalação de uma segunda central solar fotovoltaica de 1 Mwh no Taguspark; e o estudo de instalação de painéis solares fotovoltaicos num conjunto de 20 sucursais”, explica o presidente executivo do BCP, Miguel Maya.

Em termos de frota do banco, o objetivo é atingir os 30% de descarbonização até 2025 e 80% até 2030, “conforme compromisso assumido no âmbito do Pacto Empresarial de Mobilidade de Lisboa e da Lisboa Capital Verde Europeia 2020”.

“Já em 2021, o banco garantiu ainda que toda a eletricidade consumida nas suas instalações terá uma origem 100% verde, num *mix* de energia produzida pela central fotovoltaica do Taguspark e de energia adquirida com certificado de origem renovável”, de acordo com Miguel Maya.

Ao mesmo tempo, o banco já disponibilizou aos seus colaboradores “diversos postos de carregamento para veículos elétricos ou híbridos no Taguspark e vamos alargar o sistema de monitorização de consumos energéticos a mais Sucursais e Edifícios Centrais do Banco e concluir, até ao final do ano, a instalação de iluminação led nos edifícios da Rua Augusta, Gonçalo Sampaio e Palácio Atlântico. A instalação da segunda central solar no Taguspark e dos painéis solares nas sucursais está prevista para o 1º semestre de 2022”, revela o presidente do BCP.

Os CTT também fazem parte do grupo de empresas que já está a implementar a eficiência energética



ca no terreno. No caso da mobilidade, a companhia explica que tem vindo a expandir gradualmente a sua “frota alternativa de transporte e logística, a maior do país no sector logístico, que conta com cerca de 355 veículos alternativos, a maior frota alternativa do país no sector dos transportes e da logística”, segundo o diretor de comunicação e sustentabilidade dos CTT.

“Estes veículos elétricos não emitem partículas e NOx durante a sua utilização e como os CTT adquiriram 100% da eletricidade de origem renovável o impacto carbónico das viaturas elétricas é nulo, contribuindo para a melhoria da qualidade do ar nas cidades”, de acordo com Miguel Salema Garção. Ao mesmo tempo, a companhia compra “eletricidade verde, proveniente de fontes exclusivamente renováveis, desde 2015”.

Outra das frentes em que os CTT estão a apostar é na instalação de “centrais fotovoltaicas em edifícios, apostando em soluções mais ecológicas e eficientes para os seus edifícios. Os CTT têm já



três unidades de pequena produção operacionais e outras três em projeto”.

A empresa também vai instalar uma unidade de produção para autoconsumo no Mercado Abastecedor da Região de Lisboa (MARL), onde são as instalações da CTT Expresso. “A potência a instalar será de 410 kWp e irá permitir uma produção estimada de 625 mil kWh no primeiro ano, o que representa cerca de 40% do consumo anual da instalação”, explica Miguel Salema Garção.

No caso da Jerónimo Martins, a gestão mais eficiente da utilização da energia é muito importante, nomeadamente nos “projetos de remodelação e de construção de novas infraestruturas nos três países em que operamos (Portugal, Polónia e Colômbia)”, incluindo a implementação de “sistemas de controlo e gestão de energia; móveis refrigerados e arcas congeladoras com portas e tampas que evitam o desperdício de energia; tecnologias de iluminação mais

eficientes (como LED) e instalação de claraboias e outros mecanismos de utilização de luz natural; ou a instalação de equipamentos geradores de energia renovável, que contribui para a redução da nossa pegada de carbono.”, explica o diretor de Ambiente Corporativo da Jerónimo Martins, Fernando Frade.

A empresa dá o exemplo do projeto Equipas para Gestão dos Consumos de Água e Energia, iniciado em 2011 nas lojas Pingo Doce e Recheio, e “em que procurámos mobilizar os colaboradores das nossas lojas em Portugal para a racionalização do uso desses recursos. Até ao final de 2020, conseguimos reduzir os consumos de energia em 48 milhões de kWh e os de água em 495.000 m³, o que equivale a uma poupança acumulada de mais de 6,2 milhões de euros”, segundo o gestor.

No caso da Sonae, a empresa explica que faz “vários esforços para promover a eficiência e flexibilidade do consumo energético.

Duas das maiores cadeias hoteleiras em Portugal, Grupo Pestana e Vila Galé, têm vindo a implementar nos últimos anos várias medidas para melhorar a eficiência energética das suas unidades

Continuámos a investir no desenho de edifícios mais inteligentes, num melhor uso de recursos e na instalação de equipamentos e sistemas mais eficientes, bem como em criar condições para uma melhor monitorização e gestão dos consumos, o que nos permite potenciar os investimentos feitos”, segundo a diretora de Marca, Comunicação e Sustentabilidade da empresa.

“Posso destacar o plano em curso de promoção de eficiência energética da Sonae MC, ou o programa Bright da Sonae Sierra nos centros comerciais, assim como a aposta em infraestruturas de excelência como o Sonae Tech Hub, o mais ecoeficiente edifício em Portugal e top 100 a nível mundial, ou a instalação da maior central fotovoltaica para autoconsumo de energia elétrica do país, no novo armazém do Entrepósito da Azambuja”, explica Marta Cunha.

A Ikea é outra empresa muito atenta ao tema da eficiência energética, incluindo na mobilidade

sustentável. Este ano arrancou com as “entregas de encomendas aos consumidores em carrinhas elétricas, sem emissões de gases poluentes. Para já, apenas para entregas na área da Grande Lisboa, mas o objetivo é alcançar 20% das entregas no país até agosto deste ano para que, até 2025, as entregas sejam, na sua totalidade, feitas em veículos elétricos”, afirma a responsável de Sustentabilidade da Ikea Portugal.

Outra novidade, é que as lojas Ikea já têm a venda os painéis solares SOLSTRALE, em parceria com a Contigo Energía. “São a mais recente solução para uma vida mais sustentável em casa, neste caso através da produção de energia solar doméstica, simples e acessível”, destaca Ana Barbosa.

Com mais de 150 anos de história, fundada em 1870, a Corticeira Amorim é o maior grupo de transformação de cortiça do mundo.

Com uma longa história, e precisamente por saber a importância da sustentabilidade, a empresa tem



vindo a implementar “ações relacionadas com a tecnologia e a eficiência de equipamentos consumidores de energia (alteração e melhoria de sistemas de ar comprimido, iluminação, acionamentos, processos e energia térmica). Indiretamente, através da certificação do sistema de gestão de energia, a ISO 50001. A implementação desta norma permite estabelecer sistemas e processos para a melhoria do desempenho energético e para o uso e consumo de energia, nomeadamente favorecendo o uso mais eficiente das fontes de energia disponíveis. Consequentemente, permite a redução das emissões de gases com efeito de estufa e outras emissões ambientais, bem como a redução dos custos associados”, destaca António Amorim, presidente executivo da Corticeira Amorim.

A centenária companhia portuguesa revela que tem um “pipeline de medidas que pode atingir os 8%, com um investimento estimado em 4,1 milhões de euros. No entanto, as medidas que têm maior incidência no investimento são as estruturais de âmbito térmico, nomeadamente na aquisição de novas caldeiras, respetiva reestruturação da rede e diversas intervenções nas caldeiras existentes. O objetivo é aumentar a capacidade, melhorar o rendimento do pó de cortiça na produção de energia, adaptar as caldeiras à utilização de outras fontes de biomassa e reduzir as emissões atmosféricas. Recorde-se que o rácio que se pretende atingir surge no seguimento de investimentos anuais, demonstrando a consciência ambiental e otimização organizacional que a Corticeira Amorim tem levado a

PROJETOS DE EFICIÊNCIA ENERGÉTICA

- A EDP já conta com 11% da sua frota eletrificada. A empresa já implementou mais de 70 medidas que geraram poupanças acumuladas de quase cinco terawatts hora.

- O BCP quer descarbonizar 30% da sua frota até 2025 e 80% até 2030. O banco já produz energia solar na sua sede do Taguspark e garantiu que 100% da eletricidade consumida nas suas instalações tem origem 100% verde.

- Os CTT contam com 355 veículos elétricos. Os correios também estão a apostar na instalação de centrais solares nos seus edifícios. A empresa vai instalar uma unidade de produção para autoconsumo no Mercado Abastecedor da Região de Lisboa (MARL), onde são as instalações da CTT Expresso.

- A Jerónimo Martins conseguiu desde 2011 até 2020 reduzir os consumos de energia em 48 milhões de kilowatts hora e os de água em 495.000 m³, o que equivale a uma poupança acumulada de mais de 6,2 milhões de euros.

- A Sonae instalou a maior central fotovoltaica para autoconsumo de energia elétrica do país, no novo armazém do Entrepósito da Azambuja.

cabo ano após ano e de forma consistente”, de acordo com o líder da empresa.

Ao longo de 2020 foram implementadas 101 medidas de eficiência energética que resultaram num investimento de 2,1 milhões de euros, “correspondendo a uma taxa de 3,4% de eficiência energética, superando, assim, a meta anual prevista para os próximos anos”.

Por sua vez, a Tetra Pak revela que um dos seus projetos centrais é a “instalação de painéis solares nas nossas fábricas, que tem possibilitado a reconversão energética das mesmas. A Tetra Pak instalou já mais de oito mil painéis solares, o que permite gerar cerca de 2,7 megawatts de energia solar fotovoltaica e, consequentemente, energia elétrica com baixas emissões de carbono e significativas economias nos custos operacionais que temos”, de acordo com Marina Sanchez, diretora de Comunicação.

A empresa de soluções de processamento e embalagem alimentar investiu mais de 16 milhões de euros desde 2011 na área da eficiência energética.

“Há mais de duas décadas que medimos anualmente o consumo energético e as emissões de gases com efeito de estufa em todas as nossas operações, o que nos permite manter um acompanhamento próximo dos resultados que obtemos em cada medida implementada. Temos diminuído as emissões relacionadas com o consumo de energia, recorrendo a medidas de conservação e de melhoria da eficiência, para além da aposta em soluções e equipamentos em todas as unidades e operações, assim como a aquisição de certificados renováveis”, remata a responsável da Tetra Pak. ●

HOTELARIA

Sector hoteleiro é sinónimo de mais eficiência

Hotéis continuam comprometidos com metas de redução da pegada ecológica. Investimentos vão desde painéis fotovoltaicos a carregamento elétrico.

ANDRÉ CABRITA-MENDES,
INÊS PINTO MIGUEL
E JÉSSICA SOUSA
amendes@jornaleconomico.pt

Duas das maiores cadeias hoteleiras em Portugal têm vindo a apostar cada vez mais na eficiência energética.

O grupo Pestana investiu até 2019 “cerca de cinco milhões de euros em eficiência energética em projetos realizados em várias unidades. Atualmente, correm outros projetos em hotelaria e na ECM (Empresa de Cervejas da Madeira), que somam 1,3 milhões”, explica António Sousa Duarte, responsável pelos Serviços de Segurança e Energia, Pestana Hotelaria Portugal, do Pestana Hotel Group.

O grupo conta com um total de 100 hotéis e pousadas localizados em 16 países.

“As metas da empresa para os próximos anos serão retomar a contínua redução da pegada ecológica que se tem traduzido desde 2015 numa redução de consumos anual de 2% Kg de CO₂ por quarto ocupado. Tais reduções têm sido obtidas pelo reforço do controlo operacional e implementação de projetos de eficiência energética, e ainda pelo recurso a fontes de energias alternativas”, diz.

Apesar da pandemia ter tido um grande impacto no sector da hotelaria, o grupo Pestana refere que vai retomar os projetos suspensos assim que o mercado recuperar.

“O impacto da pandemia na nossa atividade hoteleira está a ter proporções gigantescas. Tivemos vários meses com quase todas as nossas unidades encerradas e, mesmo nos meses em que algumas reabriram, com procura reduzida, conseguimos manter um grande controlo dos consumos energéticos combatendo o desperdício. Este tem sido o nosso grande objetivo nesta época de pandemia. Os projetos que tínhamos em estudo ou desenvolvimento, pese a sua suspensão parcial atual, mantêm-se como objetivo crucial do Grupo Pestana. Logo que regressem as condições de procura/reabertura das unidades, regressaremos ao ritmo de implementação que tínhamos em 2019”, segundo António Sousa Duarte.

Pela sua parte, a cadeia hoteleira Vila Galé tem para este ano uma “meta de redução a rondar os 2% no consumo energético, de gás e

eletricidade, tendo em conta alguns investimentos previstos”.

Em termos de projetos concluídos, o diretor de Qualidade, Ambiente e Segurança do Vila Galé, Reinaldo Silhéu, dá o exemplo da “introdução de dois postos de carregamento elétrico em todas as 27 unidades hoteleiras em Portugal, o que nos permitiu reforçar a nossa capacidade de responder à procura crescente de uma mobilidade mais sustentável, por via dos veículos elétricos. Estamos também a implementar parques de painéis fotovoltaicos em quatro hotéis, sendo que neste projeto haverá uma segunda fase que passará por incluir um parque fotovoltaico no Alentejo, na herdade onde temos o Vila Galé Clube de Campo, que permita alimentar o hotel, mas também a adega e o lagar da Santa Vitória. Estamos ainda a avaliar a hipótese de projetar um ‘bairro solar’ na nossa nova sede, em Oeiras, que abriu há cerca de um mês, com o intuito de criar uma comunidade de energia renovável de produção local. E no Brasil estamos a estudar a criação de duas centrais fotovoltaicas, uma em Alagoas e outra em Touros”, um investimento total na ordem dos 10 milhões de reais (1,47 milhões de euros).

O grupo conta com 37 unidades hoteleiras, 27 em Portugal e 10 no Brasil.

No caso da instalação dos painéis fotovoltaicos em Portugal, o Vila Galé espera que esta operação esteja concluída até ao final de junho.

Em relação ao parque fotovoltaico no Alentejo, este projeto deverá arrancar ainda este ano. “No âmbito do nosso compromisso com a eficiência e sustentabilidade, no Brasil adotamos também a utilização certificada de energia limpa (proveniente de fontes eólica, solar, pequenas centrais hidroelétricas ou gerada a partir de biomassa) nas dez unidades que temos no país”, explica este responsável.

Em relação aos impactos negativos da Covid-19, Reinaldo Silhéu salienta que a pandemia fez com que “alguns processos não avançassem tão rapidamente como estava inicialmente previsto. Influenciou também a forma de investirmos, levando-nos a reforçar a aposta em modelos e projetos cujo investimento esteja validado por processos de poupança versus pagamento do investimento a longo prazo”. ●

O vazio nota-se.
Imagine o impacto que o vazio terá na sua marca.

Reserve este espaço publicitário para a sua empresa



O Jornal Económico

ENTREVISTA NELSON LAGE Presidente da Adene - Agência para a Energia

“Eficiência energética não é o parente pobre do sector da energia”

O presidente da Adene faz um balanço da eficiência energética nos sectores privados e públicos e explica o que está a ser feito em termos de pobreza energética e comunidades renováveis.

ANDRÉ CABRITA-MENDES
INÊS PINTO MIGUEL
JÉSSICA SOUSA
amendes@jornaleconomico.pt

“A nova Adene tem como grande foco o consumidor”. É assim que Nelson Lage define o papel da Agência para a Energia, menos de um ano depois de ter assumido a sua liderança, em agosto de 2020. Entre as suas várias valências, a Adene é melhor conhecida por ser a agência responsável por gerir o Sistema Nacional de Certificação Energética. Mais recentemente, passou a exercer a atividade de Operador Logístico de Mudança de Comercializador (OLMC) de eletricidade e de gás natural e por gerir a plataforma de transferência entre comercializadores. A agência também presta apoio no âmbito do Programa de Promoção de Eficiência Energética na Administração Pública (conhecido por Eco.AP). Na sua carreira, Nelson Lage conta com o desempenho de vários cargos na Adene, mas também gabinetes governamentais, e integrou mais recentemente o gabinete do secretário de Estado da Energia, João Galamba. Em entrevista ao Jornal Económico, faz um ponto de situação da eficiência energética em Portugal, e também aborda os novos desafios da Adene ao nível do combate à pobreza energética e na promoção das comunidades de energias renováveis.

O Plano de Recuperação e Resiliência (PRR) tem muitas centenas de milhões de euros destinados à eficiência energética. Quando é que este dinheiro poderá começar a chegar aos portugueses?

O PRR está pendente da decisão da Alemanha, mas pelas últimas declarações prevê-se que até ao verão o dinheiro possa estar a chegar. Irá haver um conjunto de avisos, destinados a estas três tipologias – residencial, administração pública e serviços –, que terão de ser desenhados, terão os seus *timings*, e a própria implementação desta vertente do PRR irá acontecer ao longo dos anos todos em que está previsto. Anualmente haverá um conjunto de avisos que serão lançados por tipologia. Nesta componente

específica dos edifícios, a Adene irá ter um papel mais ativo: 620 milhões de euros destinados para a medida dos edifícios, mas que irá ser repartido pelos anos em que o PRR estiver em vigor. Assim, são 300 milhões para o residencial, 250 milhões para a administração pública, e 70 milhões para serviços. Está repartido desta maneira no PRR, mas depois haverá outros mecanismos.

Em relação à estratégia a longo prazo para a renovação de edifícios (ELPRE), que prevê a reabilitação dos edifícios em Portugal até 2050 e um investimento de 143 mil milhões nas próximas décadas, quando será lançada?

Diria que este é um grande incentivo ao conforto e ao combate à pobreza energética. É um excelente exemplo daquilo que vai ser um incentivo às famílias para investir em eficiência energética e vai contemplar medidas para famílias com menos rendimentos através de ajudas para a compra de equipamentos mais eficientes. O objetivo

da renovação de edifícios residenciais e não residenciais, públicos e privados, até 2050, irá ser feito de forma faseada. Já foi criado o grupo de trabalho que irá coordenar essa implementação, da qual a Adene faz parte, e será coordenado pela DGEG e a APA e que irá definir agora os próximos passos: como atuar, quando e com quem. O programa é para cumprir já. Há várias medidas de intervenção a nível das envolventes, medidas de substituição de sistemas existentes, ao nível da promoção de fontes de energia renovável, adoção de funções técnicas – há muitas medidas para pôr no terreno e queremos fazer isso o mais rapidamente possível. Falou-se muito do papel da eficiência energética e se tinha havido um desinvestimento nesta área, eu penso exatamente o contrário. Acho que a eficiência energética está, neste momento, onde devia estar. Está no centro de debate das decisões políticas. Portugal tem uma entidade, como a Adene, que tem como foco atuar junto do consumidor; hoje temos metas ambiciosas, que já foram aplaudidas pela Agência Internacional de Energia, temos instrumentos como nunca tivemos – desde 2019, temos vindo a criar instrumentos necessários para tornar a eficiência energética numa prioridade; temos um cidadão mais consciente. A eficiência energética está onde devia estar. Temos hoje condições para daqui a dois ou três anos termos resultados muito melhores do que aqueles que tínhamos e que estavam previstos.

É com este caminho que está a ser feito que se muda a ideia de que a eficiência energética é o parente pobre da transição energética?

Não é de todo o parente pobre. Nunca a eficiência energética esteve no centro do debate, como já referi e não podia deixar de ser assim. Temos um ministério do Ambiente que tem feito um trabalho excelente na área do clima e energia, nos últimos dois anos. Nunca houve tanta legislação, diálogo com o sector e aposta em áreas chave. Acho que a eficiência energética está onde devia estar. Com instrumentos, investimento e um

cidadão mais consciente. É importante referir esta mensagem porque penso precisamente o contrário do que muitos dizem. Dentro de dois anos, com o apoio e muita humildade, possa estar num patamar ainda mais alto.

Em relação ao sector privado residencial, conseguem fazer um raio-X da situação em termos de objetivos a alcançar até 2030?

As metas de eficiência energética são definidas para o sector público. Não pode obrigar o sector privado no cumprimento de metas, mas há muito sector privado que percebeu que a aposta devia ser na eficiência energética e nas energias renováveis. Houve um período em que o sector sabia que devia apostar nessa área, mas não percebia bem como, ou seja, não havia um enquadramento legal que permitisse fazer, não havia políticas que permitissem seguir esse caminho. Nos últimos anos, com uma maior aproximação do Governo ao sector energético com a definição de estratégias e revisão legislativa, o sector encontrou esse enquadramento e está já a fazer o caminho. Penso que o sector privado está consciente que está a intervir e a contribuir para as metas de eficiência energética, a par com o sector público que tem como principal instrumento o programa ECO.AP.

Como está a correr o programa ECO.AP?

O programa destinado à administração pública já existe há algum tempo. Demorou tempo a afirmar-se, até as instituições reconhecerem a sua importância e terem consciência do impacto nas suas poupanças. Foi substituído por um novo, pelo programa de eficiência de recursos na administração pública, que veio reforçar a mensagem e o papel do Estado como modelo na adoção de medidas com vista a descarbonização da atividade. Houve aqui um reforço do posicionamento do Estado, reforço esse que só resulta porque há uma maior consciencialização por parte de quem gere esses edifícios. Há um reforço daquilo que é a monitorização da aplicação destas medidas através

“

As comunidades de energias renováveis vão permitir produzir, consumir, armazenar, partilhar e vender, seja eletricidade, seja gás renovável, incluindo o hidrogénio. A lógica de comunidade é mesmo a partilha





Cristiano Bernardo

do Barómetro ECO.AP. No sector público, em termos de certificados emitidos foram contabilizados 827, o que se traduz numa poupança energética estimada de 133.380 GW, ou seja, uma redução de 32% daquilo que é o valor inicial e que mostra que há edifícios mais eficientes e com classes energéticas maiores. Isto mostra que a eficiência energética está aqui, que existe uma consciencialização por parte da administração pública e que o novo programa ECO.AP irá reforçar esta prioridade e irá ajudar a melhorar a sustentabilidade do Estado e o seu papel enquanto entidade na descarbonização da sua atividade.

Quais são os maiores problemas no campo da eficiência energética? São as janelas, é a falta de aquecimento?

A aposta deve incidir na envolvente e nos equipamentos. Tudo o que tenha a ver com o conforto térmico e com a envolvente. Penso que esse é o foco dos avisos e investimentos que estão a ser feitos. Há aqui a estratégia e ambição de que os edifícios possam ser de zero consumo dentro do tempo previsto para a estratégia. É um grande objetivo e falamos já do próprio edificado e da construção. Mas há coisas bem mais simples que podem ser feitas e a aposta também passa por aí, e que tem a ver com equipamentos, janelas, com a própria componente térmica da casa, o isolamento... Isso é tudo fácil. Basta haver dinheiro, e há, há vontade política para investir, há mecanismos para o permitir e cá estamos para a ajudar nessa implementação

A Adene tem estado atenta à problemática da pobreza energética. Qual vai ser o papel da agência no âmbito da Estratégia Nacional de Combate à Pobreza Energética?

Esta estratégia vai ter quatro grandes áreas de atuação: eficiência energética, redução de custos, proteção ao consumidor, e informação, conhecimento e educação. Destacaria os três principais indicadores, ao nível da capacidade dos agregados conseguirem manter as suas casa aquecidas, quer ao nível da população em geral, quer ao nível de agregados em situação de pobreza, indicadores relacionados com a tarifa social de eletricidade e de gás natural, e indicadores relacionados com a despesa relacionada com o conforto, indicador de 10% do total dos rendimentos. A Adene já está a ter um papel no desenho em conjunto com várias entidades no seio desta estratégia, irá continuar a apoiar a execução desta estratégia no terreno, apoiando as ações que estão depois previstas na própria estratégia, até porque esta nova Adene tem como grande foco o consumidor, não poderia deixar de ter um importante papel na estratégia que irá ter como foco o consumidor. O modelo de financiamento deveria ser via avisos, e as fontes de financiamento irão depender da tipologia dos avisos que

vão ser lançados e das entidades que estão envolvidas, há vários mecanismos de financiamento, teremos o PRR, há a questão do programa de apoio, todos estes instrumentos financeiros irão ajudar na implementação destas estratégias que o Governo tem lançado desde 2019, a começar no Roteiro para a Neutralidade Carbónica e a acabar este ano nesta estratégia.

Um novo tema que a Adene tem em mãos são as comunidades de energia renovável. O que está a ser feito nesse sentido?

O principal papel da Adene vai ser pôr no terreno o plano de ação para as comunidades de energias renováveis. Esse plano já foi apresentado à tutela. É um plano bastante ambicioso, mas que irá permitir pôr no terreno e ajudar a pôr no terreno projetos de comunidades de energia. Obviamente que não serão exclusivamente destinados a municípios, portanto é também destinado a pequenas e médias empresas, pessoas singulares e coletivas e também à própria indústria. Por isso, o nosso papel vai ser mesmo estruturar toda a intervenção das comunidades de energia, a componente que tem a ver com o licenciamento e do apoio técnico. Mas penso que esta componente e competências que a Adene tem nas comunidades de energia são cruciais para que os projetos possam começar a avançar. Podemos começar já, e pôr no terreno este plano de ação assim que sair a revisão legislativa, e gostaríamos muito de no próximo ano ter projetos de comunidades de energia no terreno

Estamos a falar de energia solar?

As comunidades de energia preveem qualquer fonte, inclusive hidrogénio. Ou seja, não é uma área onde a Adene intervenha neste momento, mas pretende. Pode ter eólico, solar, biomassa, hidrogénio. Tudo o que forem fontes de energia renovável podem estar contempladas nestas comunidades de energia e depende depois da área geográfica, das entidades que se querem juntar e depois está à disposição dessas comunidades.

Para autoconsumo ou para vender à rede?

As comunidades de energia vão permitir produzir, consumir, armazenar, partilhar e vender. Seja produzir eletricidade, produzir gás renovável incluindo o hidrogénio, autoconsumo a nível de pessoas singulares ou coletivas ou projetos municipais e industriais, permite armazenar essa energia e partilhá-la. A lógica de comunidade é mesmo a partilha. Antes, de um ponto de produção passámos para vários pontos de consumo. E permite ainda vender aos clientes a preço de mercado à rede. Há aqui um potencial muito grande em torno dessas comunidades e é por isso que a Adene está fortemente envolvida nesse processo e rapidamente pôr no terreno este plano de ação. ●

FÓRUM

QUAIS AS METAS DE EFICIÊNCIA DAS EMPRESAS? A PANDEMIA TEVE IMPACTO NAS MEDIDAS?

As empresas revelam quais as metas que pretendem alcançar em termos de eficiência energética nos próximos anos, e também explicam se a pandemia da Covid-19 teve algum impacto neste campo.

INÊS PINTO MIGUEL, JÉSSICA SOUSA E ANDRÉ CABRITA-MENDES

1 QUAIS SÃO AS METAS EM TERMOS DE EFICIÊNCIA ENERGÉTICA PARA OS PRÓXIMOS ANOS?

2 QUE ALTERAÇÕES PROVOCOU A PANDEMIA NOS PLANOS DE EFICIÊNCIA ENERGÉTICA E DE QUE FORMA O FUTURO VAI ESTAR CONDICIONADO?



ANTÓNIO CASTRO
Diretor de Sustentabilidade da EDP

1. A melhoria da eficiência energética é um elemento fundamental no combate às alterações climáticas, pela sua contribuição na redução de emissões de gases com efeito de estufa e dos consumos de energia. Encaramos a eficiência energética como um importante pilar da nossa estratégia de descarbonização. Este é o nosso posicionamento – a EDP quer assegurar o acesso confiável, sustentável e moderno à energia, a um preço acessível para todos, enquanto empresa sustentável e alinhada com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) das Nações Unidas. Em concreto, nomeadamente com o ODS 7 (Energias Renováveis e Acessíveis). Nesse sentido, temos diferentes compromissos a cumprir até 2025: por um lado, ter 50% dos clientes no mercado liberalizado com serviços sustentáveis, em que a produção descentralizada ganha relevância - 2 GW de potência solar instalada; por outro lado, queremos continuar a oferecer aos nossos clientes soluções de eficiência energética, que conduza a uma poupança de energia acumulada de 8,8 TWh desde 2015, evitando a emissão de quase 2 milhões de toneladas de CO₂. Também na mobilidade elétrica, temos a ambição de ter instalados mais de 40 mil pontos de carregamento de veículos elétricos em 2025 (o número inclui postos de

carregamento privados, públicos e privados de acesso público, em todo o grupo EDP), bem como a nossa frota ser totalmente elétrica em 2030.

2. A EDP não se desviou dos seus compromissos – tem prestado apoio a inúmeros projetos de energias renováveis para comunidades de regiões e zonas rurais remotas sem ligação à rede elétrica, em países em desenvolvimento; lançou novos parques solares e eólicos; criou programas de combate à precariedade energética e avançou com melhorias no conforto térmico (um milhão de euros investidos em instalações do Serviço Nacional de Saúde português e outro milhão destinado a Instituições Particulares de Solidariedade Social); e lançou campanhas de sensibilização para a Eficiência Energética. Também reforçamos a nossa ambição no recente Strategic Update apresentado. Esta ambição faz sentido quando percebemos que a eficiência energética e os painéis solares descentralizados estão a liderar os serviços do lado da procura e as comunidades energéticas estão a tornar-se uma realidade.

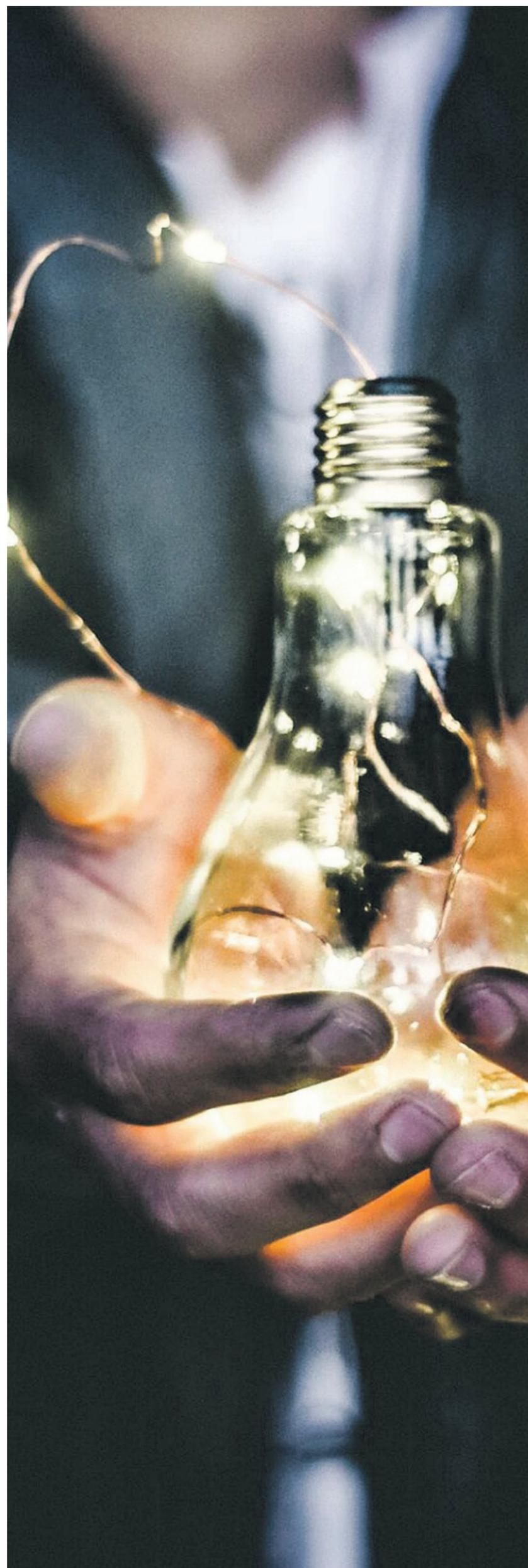


FERNANDO FRAIDE
Diretor de Ambiente Corporativo do Grupo Jerónimo Martins

1. Desde 2012, o Grupo tem vindo a reduzir de forma consistente o consumo de energia por volume de vendas e definimos que, até 2023, queremos atingir uma redução de

10% tendo por base os consumos de 2017. As nossas ações de investimento em torno da eficiência energética, a par de medidas como a instalação de painéis fotovoltaicos e a substituição de gases de refrigeração sintéticos por gases naturais nos nossos equipamentos de frio, contribuíram para alcançarmos uma redução da nossa pegada de carbono, por cada 1.000 euros de vendas, de cerca de 38% face a 2017, assegurando o cumprimento do objetivo de redução estabelecido para o triénio 2018-2020. Este resultado traduz o nosso compromisso com o combate às alterações climáticas, reconhecido no Score Report do CDP Climate Change 2020, onde obtivemos o nível A- (Liderança), o que «é mais elevado do que a média regional da Europa de C, e mais elevado do que a média do sector do retalho de conveniência de C».

2. A sustentabilidade está integrada na forma como conduzimos os nossos negócios e, por isso, as nossas empresas têm mantido o ritmo nos projectos que estão em curso com o objetivo de impactar positivamente o negócio e as sociedades em que temos operações. O mesmo se verifica no que diz respeito aos investimentos em eficiência energética. Exemplo disso é o facto de nas 220 lojas inauguradas pelo Grupo em 2020 e nas cerca de 300 lojas que foram remodeladas, terem sido integrados os sistemas, as tecnologias e os equipamentos que permitem uma gestão mais eficiente da utilização da energia [ver *bullets* da resposta à segunda questão].





MIGUEL MAYA
CEO
do Millennium BCP

1. O Millennium BCP, no âmbito da monitorização contínua do seu perfil de consumo de recursos e de emissão de CO₂, define metas de redução anuais para o consumo de energia, eletricidade, água, resíduos, materiais e emissões de CO₂ atribuíveis à atividade direta do banco enquanto organização. Em 2020, (ano atípico que não aconselha avaliações comparativas com anos anteriores), o Millennium em Portugal excedeu a generalidade dos objetivos de otimização definidos. Assim, em 2020 e quando comparado com 2019, diminuímos em 25,2% o consumo de energia e em 13,3% o de eletricidade. Já a emissão de CO₂ reduziram 34,9% (objetivo era de -5%). Se olharmos para estes valores num acumulado de nove anos (2012/2020), temos reduções de 63,3% no consumo de energia, 52,0% na eletricidade e 61,4% na emissão de CO₂, em linha com as metas definidas pelo Acordo de Paris.

2. Em resposta à pandemia provocada pela Covid-19, a colocação em teletrabalho, desde março de 2020, de uma parte significativa dos Colaboradores dos Serviços Centrais e a redução acentuada de deslocações em serviço verificada desde então, permitiu diminuir de forma considerável o consumo de energia, eletricidade e água, para além de justificar a redução de emissões de CO₂ atribuíveis à atividade do Millennium BCP. Em 2021, prevendo-se a manutenção de uma realidade marcada por um recurso generalizado ao teletrabalho nos Serviços Centrais, mas em que as Sucursais continuam a assegurar, com as medidas de segurança adequadas, a sua atividade no atendimento aos Clientes, o Millennium bcp vai continuar a investir e implementar soluções de eficiência energética, na redução de consumos de modo a procurar aprofundar e consolidar ganhos ambientais já conseguidos.



MARTA CUNHA
Diretora de Marca, Comunicação
e Sustentabilidade da Sonae

1. A Sonae estabeleceu o compromisso de atingir a neutralidade carbónica das operações em 2040. Foi uma antecipação em dez anos da meta definida pela União Europeia e está alinhada com a subscrição do Acordo de Paris, que visa limitar o aumento médio da temperatura do planeta em 1,5°C. Para tal, acelerámos a implementação de medidas de eficiência para permitir uma redução de 54% das emissões próprias ainda nesta década. A eficiência energética é uma área chave do plano de ação, já que todas as poupanças alcançadas contribuem para o objetivo da neutralidade carbónica.

2. A nossa estratégia de neutralidade carbónica, onde se inclui a eficiência energética, não só não foi posta em causa como até acelerou no último ano. Como empresa com foco geracional, sempre existiu uma visão de longo prazo para a sustentabilidade. Por isso, apesar do contexto da pandemia, continuámos a investir na melhoria da pegada ecológica das nossas operações, inclusive promovendo uma redução dos consumos de energia e acelerando o peso das energias renováveis no nosso mix de consumo. Dito isto, a transformação que a pandemia vai implicar no tecido económico europeu pode ser uma oportunidade para a criação de uma economia neutra em carbono. Os fundos europeus deveriam apoiar a transformação dos negócios e a sua digitalização, favorecendo projetos que contribuam para alcançar as metas definidas no Acordo de Paris.



ANTÓNIO RIOS DE AMORIM
CEO
da Corticeira Amorim

1. Alinhado com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU, o combate às alterações climáticas está plasmado em toda a linha na definição da estratégia para os temas ambientais da Corticeira Amorim. O plano demonstra que a Corticeira Amorim está determinada em aumentar o consumo de energia proveniente de fontes renováveis controladas pela empresa, que atualmente já representa 66% dos seus consumos. Sobretudo devido ao uso de um recurso endógeno, o pó de cortiça (biomassa). A Corticeira Amorim propõe incrementar esse número quer através da seleção dos fornecedores de energia em função do peso da energia renovável no seu mix, quer através do investimento direto em projetos fotovoltaicos. O objetivo, num plano de ação com início agora em 2021 e prolongando-se até 2024, é ter as principais unidades industriais com uma parte do seu consumo de energia a ser proveniente de energia fotovoltaica. Paralelamente, manter-se-á o foco nos projetos que visem a otimização do rendimento do pó de cortiça para queima. Respondendo, assim, à redução da disponibilidade de pó de cortiça para aproveitamento ao nível energético que resulta da constante procura de tecnologias, e processos produtivos, garantem a otimização do rendimento da cortiça consumida no ciclo industrial. Igualmente prioritária é a aposta na eficiência energética. A Corticeira Amorim pretende reduzir os impactos no processo de produção garantindo para o período de 2021-2024, para as operações em Portugal, medidas de eficiência energética em 2% ao ano. Isto através quer da dinamização de processos tecnológicos de baixo carbono, quer da eficiência de recursos, bem como, através da implementação de sistemas de gestão energéticos com certificação externa.

2. O pressuposto é de que a pandemia não tenha provocado alterações dos nossos planos de eficiência energética. O ano anterior fechou um ciclo de investimentos que estava em curso ao nível produtivo, o que só por si forçou a contração de investimentos de infraestruturas. Abrindo, assim, para os anos seguintes a porta para estes investimentos, e daí resultar num plano ambicioso de implementação dos projetos de fotovoltaico 21-24, com um investimento aproximado de 12M e 20MWpico instalados. Este plano é complementado com o objetivo de implementação de 2% de medidas de eficiência energética, resultando num processo de grande ambição ao nível da eficiência energética e operacional.



MARINA SANCHEZ
Diretora de Comunicação
da Tetra Pak

1. A eficiência energética tem um papel muito importante nas ações que temos em curso para alcançarmos o objetivo de atingir a neutralidade carbónica nas nossas operações até 2030, e em toda a cadeia de valor até 2050. Estes são os dois marcos centrais no compromisso que assumimos para os próximos anos, sendo a eficiência energética uma das quatro áreas chave do caminho que estamos a percorrer para os atingir e para otimizar constantemente a nossa atividade do ponto de vista da sustentabilidade. Em termos de metas nesta área, conseguimos aumentar a utilização de eletricidade renovável de 20% em 2014 para 69% em 2019. Todas as fábricas de material de embalagem presentes na União Europeia estão já a utilizar eletricidade 100% renovável.

2. A pandemia teve repercussões em diversas áreas, contudo, ao nível das metas de descarbonização e das metas de eficiência energética, é gratificante poder afirmar que os nossos planos se mantiveram inalterados e que as metas traçadas também.

ESPECIAL EFICIÊNCIA ENERGÉTICA



ANA BARBOSA
Diretora
de sustentabilidade do IKEA

1. Na IKEA estamos comprometidos com uma estratégia de mudança positiva do planeta, com o objetivo de combater não só a crise climática, mas também de inspirar a maioria das pessoas a adotar hábitos de vida mais sustentáveis.

Até 2030 temos a ambição de termos um impacto positivo no clima, a nível de emissões de CO₂, reduzindo significativamente as emissões para a atmosfera, enquanto continuamos a crescer o negócio. Uma das ações para atingir este objetivo é produzir mais energia renovável do que a consumida nas nossas operações e, em Portugal já somos, em termos absolutos, energeticamente autossuficientes – atualmente, cerca de 25% da energia elétrica consumida nos edifícios provém dos painéis fotovoltaicos instalados nas coberturas das lojas IKEA Alfragide, Loulé, Loures e Matosinhos.

Complementarmente, através do Parque Eólico do Pisco, é produzida energia equivalente às necessidades energéticas de cerca de 30 lojas. De igual forma, na IKEA procuramos aumentar a eficiência energética das nossas lojas todos os dias com o uso de dispositivos inteligentes que gerem o espaço e as instalações. Exemplo disso, é a utilização de programas energéticos inteligentes que nos permitem minimizar o consumo de eletricidade em função do espaço, da hora, da sua ocupação e das atividades que estão em curso, bem como o controlo da temperatura. Por exemplo, a necessidade de iluminação comercial para que os clientes vejam os produtos com nitidez e inspiração é muito superior ao momento em que a loja, sem clientes, está focada na reposição ou limpeza. Além disso, em 2015 iniciámos a nossa transição para LED, hoje 100% concretizada. Ou seja, só utilizamos este tipo de tecnologia nos nossos espaços, o que nos permite poupar cerca 85% de eletricidade em comparação com a luz incandescente utilizada normalmente. Outro exemplo é a utilização de Solar Tubes nas nossas instalações, que, através de um sistema de espelhos, permitem a utilização de luz solar no interior dos edifícios.

Uma outra meta relevante será a ambição de até 2025 todos os novos serviços de entregas serem 100% elétricos. Isto é, reduzir a zero as emissões de gases poluentes para o meio ambiente provenientes dos nossos serviços de entregas. Iniciámos este ano a primeira fase na Grande Lisboa, que pretendemos alargar ao resto do país ainda este ano.

Inspirar os nossos clientes a adotar estas mudanças e novos hábitos é, também, uma meta muito importante para a IKEA e faz parte da nossa visão enquanto empresa ambientalmente responsável. Um exemplo muito recente nesse sentido é a criação, em parceria com a Contigo Energia, de uma nova solução de painéis solares –

SOLSTRALE – que dá a possibilidade a todos os portugueses de produzirem a sua própria energia renovável em casa de uma forma simples e acessível.

2. Para além da crise sanitária, a pandemia gerou uma crise económica muito relevante, mas lembrou-nos também que a crise climática não se resolveu e que deve ser enfrentada com toda a nossa energia e meios disponíveis, porque o seu impacto terá um papel muito mais marcante nas nossas vidas, no médio e longo prazo. Assim, com exceção de algumas ações que não puderam acontecer no contexto da pandemia, como a substituição programada de alguns equipamentos, no geral, as nossas metas e ambições foram confirmadas. Por exemplo, o crescimento da procura de serviços de entregas ao domicílio, revelou que a nossa meta de sermos 100% elétricos nas entregas era ainda mais relevante e urgente. A IKEA realiza 50 milhões de entregas por ano globalmente, e 175 mil em Portugal, através do método de entrega ao domicílio. As diferentes restrições que tivemos devido à pandemia aceleraram o crescimento do e-commerce e a necessidade de realizar entregas ao domicílio está a crescer cada vez mais – assim como a sua consequente poluição, congestionamento e ruído. Apesar dos desafios da pandemia, no ano fiscal de 2020, 9,6% das entregas globais do Grupo Ingka foram já realizadas por veículos elétricos e com zero emissões, pelo que a urgência em adotar métodos de entrega mais sustentáveis é, também, cada vez mais urgente para nós. Claro que implementar estas medidas em plena pandemia global tem desafios acrescidos. No entanto, o nosso foco manteve-se em trabalhar lado a lado com os nossos parceiros para que estas mudanças fossem implementadas no tempo previsto. E é isso que vamos continuar a fazer, tendo em vista a nossa ambiciosa meta de 2025.



MIGUEL SALEMA GARÇÃO
Diretor de comunicação
e sustentabilidade dos CTT

1. O compromisso dos CTT com o combate às alterações climáticas é visível em toda a organização e tem um impacto contínuo nas operações diárias e no modelo de negócio. Os CTT aderiram à iniciativa "Business Ambition for 1.5°C", do United Nations Global Compact, com o objetivo de contribuir para travar o aquecimento global e limitar o aumento da temperatura média global abaixo dos 1,5°C e integram um grupo de cerca de 600 empresas em todo o mundo com metas ambiciosas de redução de emissões carbónicas aprovadas, à data, pela SBTi – Science Based Target Initiative. Ainda temos um longo caminho a percorrer, mas tem sido notório o esforço de cada vez mais empresas em assumirem programas de sustentabilidade e responsabilidade social.

Um grande desafio e em simultâneo uma grande oportunidade para o setor da logística e distribuição, é sem dúvida a eficiência e transição energética: eficiência ao nível do consumo de combustíveis fósseis e transição para uma adoção sustentada e cada vez maior de veículos elétricos e/ou movidos com combustíveis alternativos, e para um consumo e/ou produção de eletricidade a partir de fontes renováveis, tirando partido da expectável baixa de custo deste tipo de energia nos próximos anos. Os CTT já iniciaram este percurso, olhando para os próximos 10 anos com muito entusiasmo e expectativa. Acreditamos que podemos influenciar positivamente aqueles colaboramos conosco e com quem interagimos na nossa cadeia de valor. Para além disso partilhámos algo essencial com as populações que é a proximidade.

2. A pandemia e as medidas de confinamento tiveram como efeito colateral um reforço da consciencialização sobre o impacto dos comportamentos individuais no planeta, conduzindo a um gradual ajuste nos hábitos de consumo. Com a crise pandémica o e-commerce teve um aumento sem precedentes e, à medida que cresce, alguns operadores postais comprometem-se a reduzir ainda mais a pegada carbónica nas suas entregas, como é o caso dos CTT que procederam à neutralização integral da oferta de Expresso em Portugal. As emissões produzidas ao longo da cadeia de valor desta oferta e que não são possíveis evitar são integralmente compensadas através do apoio a projetos com benefícios ambientais (combate às alterações climáticas e da conservação da biodiversidade) e sociais (apoio à geração de emprego e à melhoria da qualidade de vida das comunidades locais). Estes projetos são selecionados pelo público, promovendo assim uma maior sensibilização das partes interessadas e envolvimento com os CTT. Em 2020 os CTT verificaram uma diminuição (-2,9%) nas suas emissões totais de CO₂ face ao ano anterior, derivada maioritariamente da diminuição das emissões da atividade da frota própria e das viagens casa-trabalho-casa dos seus colaboradores, diretamente ligada à pandemia de Covid-19.



ANTÓNIO SOUSA DUARTE
Responsável Serviços
de Segurança e Energia,
Pestana Hotelaria Portugal,
do Pestana Hotel Group

1. As metas da empresa para os próximos anos serão retomar a contínua redução da pegada ecológica que se tem traduzido desde 2015 numa redução de consumo anual de 2% Kg de CO₂ por quarto ocupado. Tais reduções têm sido obtidas pelo reforço do controlo operacional, implementação de projectos de eficiência energética e pelo recurso a fontes de energias

alternativas. Os projetos de Eficiência Energética e de Produção de Energia a partir de energias alternativas (renováveis), o Sistema informático de Monitorização e Alerta de Consumos (SIMAC) são dois projetos englobados no programa Valorizar 2020.

2. O impacto da pandemia na nossa atividade hoteleira está a ter proporções gigantescas. Tivemos vários meses com quase todas as nossas unidades encerradas e, mesmo nos meses em que algumas reabriram, com procura reduzida, conseguimos manter um grande controlo dos consumos energéticos combatendo o desperdício. Este tem sido o nosso grande objetivo nesta época de pandemia. Os projetos que tínhamos em estudo ou desenvolvimento, pese a sua suspensão parcial actual, mantêm-se como objectivo crucial do Grupo Pestana. Logo que regressem as condições de procura / reabertura das unidades, regressaremos ao ritmo de implementação que tínhamos em 2019.



REINALDO SILHÉU
Diretor de Qualidade, Ambiente
e Segurança da Vila Galé

1. A Vila Galé tem vindo a apostar na modernização e otimização das suas unidades e projetos de forma a ser cada vez mais eficiente. Este processo tornou-se mais visível na última década, acompanhando uma tendência de oportunidades tecnológicas que surgiram no mercado, assim como a evolução da legislação neste âmbito. O primeiro hotel do grupo com certificação energética surgiu em 2009. Isso permitiu-nos capacitar de forma mais robusta e informada essa estrutura e testar mais tecnologia que tem vindo a ser transportada para outras unidades já existentes. Neste momento, e à medida que vamos introduzindo novas tecnologia e consolidando a implementação das boas práticas, vamos-nos aproximando cada vez mais das nossas metas que estão essencialmente relacionadas com a utilização de novos equipamentos cada vez mais eficientes, formação contínua dos colaboradores sobre as melhores práticas, assim como, partilha de informação com os nossos clientes sobre como podemos todos contribuir para gerar uma menor pegada. Para este ano prevemos atingir uma meta de redução a rondar os 2% no consumo energético, de gás e eletricidade, tendo em conta alguns investimentos previstos.

2. A pandemia fez com que alguns processos não avançassem tão rapidamente como estava inicialmente previsto. Influenciou também a forma de investirmos, levando-nos a reforçar a aposta em modelos e projetos cujo investimento esteja validado por processos de poupança versus pagamento do investimento a longo prazo.



RICARDO MALHEIRO
CEO da TK Elevator

1. De acordo com estimativas de especialistas, a procura global por energia vai aumentar 20 a 35% nos próximos 15 anos. A TKE assumiu o compromisso de diminuir este consumo excessivo e para isso contribuem inovações como o elevador MULTI, o único elevador que se desloca tanto na horizontal como na vertical, o TWIN, que permite a colocação de duas cabinas na mesma caixa ou a tecnologia MAX, que permite uma gestão mais eficiente das manutenções e deslocações dos técnicos. Prevê-se que a implementação das novas tecnologias é capaz de reduzir o consumo de energia até 27%. Nos últimos anos a TKE tem assumido um compromisso cada vez maior com o planeta, a sociedade e as pessoas e deste compromisso faz parte a redução da emissão de gases de efeito de estufa, tendo a TKE assumido publicamente o compromisso de reduzir em 25% as emissões até 2030 e em 50% até 2040.

Contudo, o compromisso da TKE é encarado como um esforço partilhado entre a empresa e todos os colaboradores, por isso, depende de cada um de nós cumprir os objetivos estabelecidos, que vão desde a utilização de materiais mais inteligentes e eficientes, produtos mais ecológicos, consumir o mínimo de energia nos diferentes produtos e serviços e tornar as operações mais resistentes, seguras e eficientes.

2. O setor da elevação é um setor chave para o desenvolvimento das cidades e imprescindível para o dia-a-dia dos consumidores. A inovação e a sustentabilidade são pilares fundamentais neste setor e nos últimos anos têm tido uma importância crescente. Durante a pandemia, surgiram novas necessidades relacionadas com a segurança, mas a necessidade de maior eficiência permanece uma constante. No caso da TKE, a tecnologia MAX revelou-se ainda mais fulcral, uma vez que evita deslocações desnecessárias por parte dos técnicos, ao mesmo tempo que garante uma monitorização real do equipamento, de modo a evitar que fique imobilizado e cause transtornos maiores a quem precisa de usufruir diariamente do mesmo. Sendo o setor da elevação um setor chave para o desenvolvimento e para o bom funcionamento das cidades, esta pandemia veio demonstrar que a modernização do atual parque é fundamental para manter os equipamentos a funcionar, ao mesmo tempo que um parque mais moderno é sinónimo de maior eficiência. Por exemplo, estima-se que a diminuição de elevadores antigos pode reduzir consumos até 70% e aumentar o período de utilização em 25 anos.



Apoie o jornalismo independente.

S Q N V A H I P A N
I H B T X Q N O J F
M A P L R X E U V R
Q A O B C X T P J L
X S U B S C R E V A
N O V T P V H Q M J
X N E X Z N J X H I
P L N R N Q B S X M

Subscreva hoje em leitor.jornaleconomico.pt/assinaturas/produtos ou ligue 217 655 300

   /JornalEconomico/

Eficiência energética, um compromisso na Saint-Gobain

Segundo as Nações Unidas, na União Europeia os edifícios são responsáveis por 40% do consumo de energia, por 36% das emissões de CO2 e por 1/3 do consumo dos recursos naturais. Com um impacto ambiental a este nível, o sector da edificação tem que, de forma responsável e pró-ativa, implementar soluções que ajudem a preservar o nosso planeta e a melhorar a nossa forma de vida.

A nível nacional, o governo português, tem claramente identificado, dentro do Plano de Recuperação e Resiliência, o desafio que a habitação portuguesa tem pela frente para atingir o objetivo de neutralidade do carbono em 2050. Verifica-se um grande número de edifícios com necessidades de melhoria, que se traduz num consumo excessivo de energia, chegando, em alguns casos, a falar-se de pobreza energética, pelo enorme esforço financeiro das famílias, que pretendem manter um bom nível de conforto em casa. Para resolver esta situação, o governo disponibilizará milhares de milhões de euros durante os próximos anos, para renovar e melhorar os edifícios mais antigos e torná-los mais energeticamente eficientes.

Atualmente a Saint-Gobain assume como seu propósito o de tornar o mundo um lugar melhor para viver - "Making the World a Better Home". Por isso, concentra os seus esforços no sentido de conceber, produzir e distribuir soluções que permitam, por um lado, a construção e renovação de edifícios mais eficientes e, por outro, a redução dos consumos energéticos do edifício ao longo do seu ciclo de vida, garantindo, por consequência, o conforto e o bem-estar de quem neles vive.

Neste sentido, foram definidos três pilares fundamen-



JOSE MARTOS
CEO Saint-Gobain
Portugal

tais para alcançar estes objetivos, que assumimos também como nossos:

- **Eficiência energética dos edifícios** tanto em obra nova, como na renovação, para assegurarmos o objetivo de descarbonização em 2050. Para isto, contamos por exemplo, com soluções para isolamento de fachadas ETICS da Weber com isolamento de lã ISOVER; assim como vidros de alto desempenho SGG CLIMALIT e SGG CLIMALIT PLUS® para janelas e fachadas de vidro com altas prestações energéticas.

- **Economia circular** utilizando materiais e soluções que possam ser recicladas e que ajudem a minimizar o impacto ambiental, como por exemplo, o Webercol Flex Lev, adesivo multiuso da marca Weber, que utiliza mais de 30% de materiais reciclados na sua composição - vencedor do Prémio Cinco Estrelas na Categoria Cimento-Cola - e que prioriza a utilização de materiais reciclados, fomentando a arquitetura sustentável;

- **Saúde e conforto nos edifícios.** Os edifícios têm o potencial não só de proteger as pessoas de todos os aspetos menos positivos do mundo exterior, como o ruído, o clima e a poluição, mas também de fazer com que cada um de nós se sinta mais feliz e nos permita viver, trabalhar e brincar em ambientes mais saudáveis. Assim, a Saint-Gobain comercializa os produtos Placo® da gama Activ'Air® que eliminam os formaldeídos no ar interior das habitações, mantendo uma ótima qualidade no ar interior.

O nosso principal objetivo, enquanto líder mundial nos mercados de habitat e construção, passa por assumirmos a responsabilidade de incentivar a construção sustentável, face a questões como a urbanização acelerada, o crescimento da população mundial, a diminuição dos recursos naturais e as alterações climáticas.

Para garantir o êxito deste percurso, o setor da edificação deve contar com a indispensável liderança das autoridades, que devem assegurar o financiamento de projetos e criar sistemas de incentivo que estimulem a procura de edifícios sustentáveis e de elevada eficiência energética. Só assim conseguiremos conquistar um novo motor de crescimento para relançar a Economia e a Sustentabilidade dos recursos do planeta, contribuindo assim, em última instância, para a melhoria da qualidade de vida coletiva.

Com o apoio de  **SAINT-GOBAIN**



weber
SAINT-GOBAIN

webertherm comfort

GLASSOLUTIONS
SAINT-GOBAIN

SISTEMA DE ISOLAMENTO TÉRMICO EXTERIOR EM FACHADAS (DO TIPO ETICS), BASEADO EM PLACAS DE LÃ DE VIDRO DE ELEVADA DENSIDADE E RESISTENTES AO FOGO

PARA O BEM ESTAR DE CADA UM E PARA O FUTURO DE TODOS

#MakingTheWorldABetterHome